

IStart up, Rita Natálio

Ontem estava eu no meio de um vendaval de cuecas sujas
quando proclamei: os meus objectivos
são tão claros como a minha falta de objectivos
nívelo-me pelo meio
como qualquer cidadã de metro e meio da Régua.

Sou alpinista de montes e serras de palha
troco arroz por palha
escrevo palha sobre todo o pilim do mundo
pedra sobre pedra, pedra papel tesoura
admito sem pudor e perante todos que não sei
nem quero domar o perlimpimpim do mundo.

Empalhada, empapada, empalada na conversa do psicanalista
começo a ter dificuldades no controlo de psicoventos
ai, a antevisão de todas as ideias é para mim uma câmara ardente
ai, os meus olhos de televisão vidente
vêm passar as carpideiras do real
e com elas limitam-se a carpir
com todo o já-sabido-sentido-lambido
com todo o estertor de um mundo quase vencido.

Conheço o mato,
reconheço e morro.
Reconheço e remato,
reconheço e remôo.

A ideia nasce
mas a ideia já nada-morta.
A ideia nasce
mas todo o século vinte e um
é um post-mortem e um.
Todo o século vinte e um
é um post-hit e um.
Todo o século vinte e um
é um trinta e um.

Por sorte, ainda me resta uma costela de feirante:
vendo esta ideia por dois euros no minipreço
para comprar um euromilhões
e penso na multiplicação do pão
do meu imaginário vão (de escada)
e com sorte, ainda chego a artista doutorada em vazio
e se me perguntarem porquê
responderei: porque preciso de dinheiro para comprar cuecas.

[Natálio, Rita, *Artesanato*, não (edições), 2015, página 13]

EVA E LILITH

Aqui estão, sentadas no mesmo sofá, bebendo pela mesma taça de vinho, ouvindo a mesma música, e soltando com dedos cansados os cabelos que o suor colocou à testa;

aqui estão, com a mesma voz enrouquecida pelo tabaco dos séculos, com as mãos já cansadas de procurar outras mãos, com os olhos embaciados da luz que insiste em apagar-se;

aqui estão, não sabendo já se semidespidas ou semivestidas, procurando saber se ainda é noite ou se o dia já chegou por trás dos vidros sujos de tantas eternidades de sono;

aqui estão: e só um riso que não sabem de onde vem as desperta, só a palavra que uma delas esperava as sobressalta, só o apelo de uma luz que por um instante brilhou, e logo se esfuma, as

obriga a viver, esperando um dia, e outro dia, sem que nenhum dia venha.

[Júdice, Nuno, *A convergência dos ventos*, D.Quixote, 2015, página 37]

DESVIO DE FUNDOS

Em mil quinhentos e quatro, um escrivão chamado Álvaro Vaz da Fonseca defendeu Cochim contra o ataque dos infiéis. Dois anos depois, promovido para Antuérpia, vai tomar conta da caixa da feitoria; e tanto tomou que pegou nela e fugiu para Roma, onde uma cortesã o esperava. É de crer que tenha gastado o que tinha, e o que não tinha, até ao fundo da arca, tal como a cortesã o gastou a ele; mas reaparece em Alexandria, anos depois, e o próprio sultão teve a ideia de lhe confiar uma expedição contra os portugueses que andavam pelo Índico. Certo é que não mais se teve notícias dele. Terá perdido a cabeça nos bordéis do Cairo? Tê-lo-ão encontrado agonizante numa ruela do oriente? Ter-se-á perdido numa viagem pela fronteira do deserto com o mar que o levaria a Cochim, de novo, lutando ao lado dos inimigos de outrora? O que dele ficou foi o resgisto do desfalque na feitoria de Antuérpia e a fuga para os braços da cortesã – nada, finalmente, que justifique um verso dos *Lusíadas*, e menos ainda uma rua com o seu nome.

[Júdice, Nuno, *A convergência dos ventos*, D.Quixote, 2015, página 58]

CHUVA DOMÉSTICA

Concede o teu perdão àquele que foste ontem
e não te conhece hoje debaixo do chuveiro.

As casas não sabem nada de nós próprios
e são paredes de hábitos,
casulos seculares.

Há vinte anos tu eras diferente, as casas não sabem nada,
dizia o outro e bem,
muito menos o tu que foste ontem sobre o tu que és hoje
debaixo do chuveiro.

O que tu foste ontem não tem nada que ver com essa barba grossa,
com essa dor no dedo grande do pé
e que te dizem ser gota, e essa excitação precoce
que te vem da memória
e começou agora, extemporânea e ridícula, quando o dedo te dói
e o tempo, como se fosse um século, tem um dia de vida,
uma noite, e falavam do ébola a invadir a europa.

Toda essa chuva minúscula que te cai na boca,
todo esse desabar de água controlada e tépida te leva a esquecer
o que é uma epidemia, foi ontem?
Que estranhas criaturas, hiper-protegidas,
desfilaram ontem como um sonho e hoje de manhã
são como um pesadelo?
A verdade é só uma, o que tu foste ontem
já não te conhece.

Não consintas que deus te sobreponha os dias
aos mistérios do tempo.
Exige a cada minuto o seu próprio prazer e desilusão.
Por alma dos que lá tens coça o dedo grande do pé
e fecha-me essa torneira. Tu ainda não reparaste,
mas a casa de banho é agora um lago.

[Silva Carvalho, Armando, *A sombra do mar*, Assírio & Alvim, 2015, página
11]

O MAR EM AGOSTO

O passado não tem alternativa
não o posso mudar com o pensamento
o oceano de ouro oxidado põe brilhos
baços e frios sobre a pele deserta

O passado está fixo e todavia
posso movê-lo como um jogo em lances
inúteis da memória que não mudam
o que é irreal agora, ou sempre foi
uma ficção vivida como vida

Poderia ter sido diferente?
Está selado o passado,
agora é só agora, a mente mente
quando crê regressar ao mesmo estado:
mente a si mesma como espelho em frente
do qual quem está é já somente o tempo

15 de Agosto de 2014

[Cruz, Gastão, em *Óxido*, Assírio & Alvim, 2015, página 33]

Não sei, minha filha, que o mundo será o teu.

Não sei, minha filha, que mundo será o teu.
Mundo, como sabes, é apenas uma palavra
e nessa precária condição pode ter o significado
que lhe quiseres dar. Porém, se lhe quiseres dar
um significado verdadeiro, mundo é muito mais
que mundo, pode mesmo ser a realidade que devia ser
em vez de ser, como já sabes, apenas uma palavra
que até um poeta de primeira grandeza jamais sabe
o que será depois de ser escrita num caderno e por alguém
pronunciada. Para mim, é uma palavra de significado
bastante reduzido. Gostaria que o seu significado
não coubesse apenas numa palavra e fosse um composto
de coisas de verdade, terras e prédios e gente
de verdade a caminhar pelas ruas. Que a injustiça
que sinto e não quero ver propagada é o significado
ausente dessa palavra grande, onde cabem os países
todos e que associamos a tudo o que nos rodeia,
associa desde logo a ti, que és o mundo. O mundo,
um mundo, mundo apenas, prescindindo de aludir às variáveis
que a língua compreende e nos desorientam ainda mais.
Basta que não a ligue a nada de palpável para perder
significado. Posso escrevê-la, proferi-la e nada ter
depois a que relacioná-la, apenas ao eco
quando a traz de volta ou à leitura, por exemplo,
de um poema tão sentido quanto aquele
que Jorge de Sena dirigiu aos filhos. O teu mundo
não sei como será, Beatriz. Mas seja o que for,
com terras e prédios e gente a caminhar pelas ruas,
só espero que seja um mundo de verdade mesmo. Só peço
que a palavra mundo não se torne num lugar vazio
no dicionário, sem nada ter por referência,
como sucede com o meu, não sei porquê.
Igual, de resto, ao que sucede com outras palavras,
desde logo com a palavra amor, que também não sei se serve
ao que sinto, como já te disse, e não contém todo o amor
que sinto por ti, tão basto quanto um mundo de verdade.
Só peço que o teu não se desfaça assim. Que o mundo
dá um imenso trabalho e refazer se for coisa de verdade
e não apenas uma palavra bem escolhida, dessas que demoram
a escolher mas alguém decide pôr dentro de um poema,
apesar de ser uma palavra grande demais e ter pouco
significado para mim. “O mesmo mundo que criemos
nos cumpre tê-lo cuidado, como coisa que não é
nossa, que nos é cedida para a guardarmos respeitosamente.”
O teu não sei o que será. Só peço que tenha ainda melhor
significado do que aquele que hoje imaginas de verdade
merecer. Mundo, como sabes, é apenas uma palavra
e nessa precária condição pode ter o significado
que lhe quiseres dar.

[Nunes, José Ricardo, em *Andar a Par*, Tinta-da-China, 2015, página 66]

A SOLIDÃO DA MORTE QUE ABRE A PORTA AO NASCIMENTO

impelida pela queda, rolou a castanha, intrusa agora entre ervinhas que resistem na terra com marcas de ser batida pela chuva e dentes de seixos que intimidam: brilha na cadeia das listas negras que lhe raiam a casca, e espeta os brancos cabelos na esperança de um gomo que a faça raiz: pode ser longa a espera, e a vida que explode dentro dela é tudo quanto tem: a solidão que lhe emoldura a morte tece em silêncio o sonho de que a agora humilde sombra se alargue um dia, por muitos dias majestosa e fresca.

LA SOLIDON DE LA MUORTE QUE LE ABRE LA PUORTA AL NACIMIENTO

ampurrada pul toambo, rodrou la castanha, spiruolha antre yerbicas que rejisten na tierra cun feitiços de haber sido batida pula auga de la chuba i dentes de xeixos que fázen grima: relhampa na cadena de las lhistras negras que le lhuzen la piel, i speta ls brancos pelos na sprança de um gromo que la faga raiz: puode ser lharga la spera, i la bida que arreventa andrento deilha ye todo quanto ten: la soledade que el anqueixilha la muorte tece an silencio l suonho de que la agora houmilde selombra se anche un die, por muitos dies majestosa i fresca.

[Niebro, Francisco, em *L'Eiternidade de las Yervas / A Eiternidade das Ervas*, Âncora Editora, 2015, páginas 80-81]

NÃO SEI COMO DIZER, E TODAVIA

é quando de repente
o reclinar pacífico dos montes
e o sol de frente, apontando ao azul,
em nuclear inofensiva
e bela

ou quando de repente
(vogais para dizê-lo são sem ser):
esse rio tão rasgado de estuário
e o rasto que o navio sobre ele foi.
iluminado à luz mais luz,
em explosão de memória.

aquelas mãos,
segurando uma tarde

é quando de repente,
tudo invade: o horizonte
de recorte fundo,
que nem tesoura a céu
recortaria,

e de dentro ressalta,
perto e longe

e é como uma cratera
onde se alargam nuvens e gigantes
e súbitos castelos

e tudo faz sentido,
mesmo seu eu saber
como falar

OS AMIGOS

Vamos vendo os amigos cada vez mais longe,
muitas vezes de costas,
a sacudir o espaço dos seus tempos como se entrassem
no mundo pela primeira vez.

São pequenas formações quase desumanas
que às vezes se reconhecem
disformes quase sempre sós e aos pés oculto de todos
corre um rio.

Um rio que nos vai confundindo a vida
e a memória
Que percorre os lugares do júbilo como uma água
aflita e sem regresso.

Quando os olho por dentro no começo da tarde
os amigos cintilam como corpos estranhos
entre os nossos desastres bebemos o anoitecer
e adormeceríamos juntos se soubéssemos.

[Carvalho, Armando Silva, A sombra do Mar, Assírio & Alvim, s/l, 2015, pág. 48]

PIETÀ

segue no metro esta única mulher
com variz desde a trindade
ao senhor de matosinhos

olhar de metal atravessa
as colmeias dos bairros sociais

o sorriso pára em todas as estações
e rostos órfãos a entrar e sair
da vida expropriada de prioridade
nos bancos junto à porta

como se viajasse com o bilhete
de ser mãe inteira do mundo

[Filipe Cardoso, Renato, Canibalírico, Texto sentido, página 15, 2015]